

# DESEJAMOS A PAZ MAS NÃO TEMEMOS A GUERRA

— advertência do Presidente Samora Machel ao regime minoritário e racista sul-africano

O nosso Povo deseja a paz mas não teme a guerra. E nunca deixará de apoiar a luta de libertação do Povo irmão da África do Sul. Portanto, a África do Sul que escolha, se quer a paz ou a guerra com o nosso País.

Este o conteúdo fundamental da advertência feita pelo Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel, ao regime minoritário e racista da África do Sul, quando ontem falava no grandioso comício que teve lugar em Maputo. No mesmo encontro, o dirigente máximo da Revolução Moçambicana exortou toda a população a redobrar a vigilância e a preparar-se activamente para a guerra, pois o regime de Pretória pode prosseguir na sua política de guerra contra Moçambique.

Publicamos a seguir o texto integral do discurso do Presidente Samora Machel, que foi frequentemente interrompido por aplausos vibrantes da multidão que participava no comício.

Nós encontramos aqui na Praça da Independência muitas vezes e em momentos diferentes. Encontrámo-nos pela primeira vez no dia 25 de Junho de 1975, dia da proclamação da República Popular de Moçambique, dia de todo o Povo Moçambicano, data em que festejámos a vitória total e completa da Luta de Libertação Nacional contra o colonialismo português.

Encontrámo-nos aqui muitas vezes para celebrarmos acontecimentos importantes da nossa História, da História da humanidade. Foi nesta praça que festejámos a vitória heróica do Povo do Zimbábue. Vivemos aqui momentos de elevado significado para a vida do Povo Moçambicano. Aqui festejámos o 1.º de Maio, Dia dos Trabalhadores de todo o Mundo. Foi aqui que tomámos a histórica decisão de declarar guerra ao inimigo interno e virar o cano das nossas armas para dentro. Foi aqui que, por diversas vezes, analisámos a situação do nosso País, auscultámos os sentimentos do nosso Povo, definimos as tarefas do presente e perspectivámos em conjunto o futuro, aqui transmitimos decisões fundamentais do nosso Partido FRELIMO e dos órgãos superiores do nosso Estado, Estado socialista.

Hoje estamos aqui de novo reunidos porque a nossa Pátria, Pátria socialista, Pátria dos Heróis, Pátria dos combatentes incansáveis, foi agredida. A nossa soberania e integridade territorial foram violadas. A nossa liberdade e independência, alicerçadas no sangue e no sacrifício dos nossos heróis, são de novo ameaçadas. O nosso Povo deve ter a radiografia de toda esta situação.

No dia 30 de Janeiro, um comando de soldados sul-africanos violou as nossas fronteiras, atacou o nosso País e semeou morte e destruição. Neste momento o nosso Povo está de luto.

A Direcção do Partido e Estado, face à acção criminosa do nosso inimigo permanente, tomou imediatamente as medidas adequadas. Analisou e caracterizou os acontecimentos do dia 30 de Janeiro, os seus antecedentes, os factos ocorridos posteriormente. Estamos aqui para transmitir as conclusões a que chegámos. O nosso Povo é chamado a participar na discussão e na busca de soluções correctas para fazer face à situação. Moçambicanos, Moçambicanas

Como imediatamente informámos à Nação, na madrugada do dia 30 de Janeiro, um grupo de comandos do exército do regime minoritário sul-africano, invadiu o nosso território. Atacou três residências na Matola. Assassinou, destruiu e praticou a barbárie e a desumanidade. No mesmo dia o nosso Governo conduziu ao local o Corpo Diplomático acreditado no nosso País para verificar a barbárie da agressão contra os refugiados indefesos do ANC.

Todos puderam ver que o ataque foi realizado contra residências civis, que as casas atacadas não eram bases militares. Todos puderam ver as marcas nazis e fascistas dos capacetes dos comandos racistas mortos. Todos puderam ver os actos de selvajaria dos racistas, que cortaram as orelhas de dois militantes do ANC.

O Governo sul-africano montou uma operação de propaganda declarando que havia realizado um «raid» contra bases militares do ANC em Moçambique. Ao mesmo tempo, organizou uma exposição de material de guerra que dizia ter capturado na Matola. Os próprios jornalistas descobriram que as armas apresentadas tinham marcas do exército rodesiano de Ian Smith, isto é, eram armas trazidas do Zimbábue — não do Zimbábue independente, mas da ex-Rodésia.

Nos dias seguintes, o exército sul-africano iniciou uma grande concentração de tropas nas fronteiras, nas zonas de Ressano Garcia, em direcção à Moamba e outras regiões. Realizou violações constantes do nosso espaço aéreo. No dia 7 de Fevereiro mandou retirar todo o pessoal sul-africano que se encontra em Moçam-

bique a trabalhar nos portos, na alfândega, nas agências transitárias, nos caminhos de ferro e outros lugares ligados com a África do Sul.

E nós perguntamos: retira o pessoal para quê? Responderemos mais tarde. Estas medidas indicam que a África do Sul está a aumentar a escalada de agressões e provocações militares contra o nosso País e quer desencadear a guerra.

Informámos a Comunidade Internacional da grave ameaça que os actos da África do Sul representam. Informámos os Países da Linha da Frente, informámos a Organização de Unidade Africana através do Presidente Siaka Stevens, Presidente em exercício da OUA, e do Secretário-Geral da OUA, Eden Kodjo, informámos a Organização das Nações Unidas através do Secretário-Geral Kurt Waldheim, informámos os cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança, informámos todos os países com quem Moçambique mantém relações diplomáticas. Informámos o Presidente da Comissão Internacional de Inquérito aos Crimes do Apartheid e informámos também o Presidente em exercício do Movimento dos Não-Alinhados.

Iniciámos uma rigorosa investigação para sabermos como foi a operação e porque foi possível tal operação, porque conseguiram sair. Era necessário conhecer todas as implicações e apurar as responsabilidades.

O bárbaro ataque perpetrado pelo regime minoritário sul-africano desencadeou um amplo e espontâneo movimento de solidariedade por parte da comunidade internacional para com a República Popular de Moçambique. Partidos e Governos, organizações progressistas, associações, personalidades de todo o mundo, pronunciaram-se condenando vigorosamente esta agressão brutal e manifestando o seu apoio à República Popular de Moçambique.

Recebemos mensagens que foram publicadas e declarações do Presidente da ZANU-Frente Patriótica, Primeiro-Ministro da República babwé, Robert Mugabe; do Presidente do Chama Cha Mapinduzi e Presidente da República Unida da Tanzânia, Julius Nyerere; do Presidente da UNIP e Presidente da República da Zâmbia, Kenneth Kaunda; do Presidente do MPLA-Partido do Trabalho e Presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos; do Presidente do PAICV e Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira; do Presidente do Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe e Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, Manuel Pinto da Costa; do Primeiro-Ministro do Reino do Lesoto, Leabua Jonathan; de Sua Majestade o Rei Shobuzi II da Suazilândia; do Presidente da República do Botswana, Quett Masire; do Presidente em exercício dos Países Não-Alinhados e Chefe de Estado da República de Cuba, Fidel Castro; do Secretário-Geral do Partido Comunista Búlgaro e Presidente do Conselho de Estado da República Popular da Bulgária, Todor Jivkov; do Presidente do Partido da Frente Nacional da Argélia e Presidente da República Argelina Democrática Popular, Chadli Benjaid; do Presidente do Movimento Popular da Revolução e Presidente da República do Zaire, Mobutu Sese Seko; do Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, Kurt Waldheim; do Presidente em exercício da Organização de Unidade Africana e Presidente da Serra Leoa, Siaka Stevens; do Secretário-Geral da Organização de Unidade Africana, Eden Kodjo; da Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros dos Países Não-Alinhados; do Partido Comunista Português; da República Islâmica do Paquistão; do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Democrática Alemã; do Presidente da Comissão Internacional de Inquérito aos Crimes do Apartheid; do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República de Cuba; dos Grupos África da Suécia; da União

Nacional dos Estudantes Iraquianos; do Ministro das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil; do Governo da União Indiana; do Comité Especial Anti-Apartheid da Organização das Nações Unidas; do Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Socialista da Checoslováquia; do Partido Socialista do Chile; do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa; do Ministro das Relações Exteriores da República Federal Alemã; da Federação Democrática Internacional das Mulheres; da Associação Profissional e Centros Sociais de S. Paulo, Brasil; do Conselho Nacional da Paz da República Popular da Hungria; do Comité Húngaro de Solidariedade; da República Árabe do Egipto; do Secretariado Nacional da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (Intersindical Nacional); da União Nacional dos Estudantes do Brasil; da Associação Brasileira de Solidariedade com o Povo de Moçambique; de Cooperantes Holandeses em Moçambique; do Presidente do Conselho Mundial da Paz; da Comissão Consultiva Africana da Organização Internacional do Trabalho; do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino da Suécia; do Secretariado do Movimento Pan-Africano da Juventude; da Conferência do Parlamento da Europa Ocidental; do Secretário Executivo do Movimento de Solidariedade Anti-Apartheid; do Comité de Solidariedade da República Democrática Alemã; do órgão oficial do Partido Comunista Romeno; de Cooperantes Suecos em Moçambique; do Secretário-Geral do Comité de Solidariedade para com os Povos de Ásia e África; da Juventude do MPLA; da Comunidade Latino-Americana de Estudantes em Moçambique; da Comunidade Europeia (CEE); do Partido Comunista do Vietname e do Governo da República Socialista do Vietname.

Da África do Sul chegaram-nos também expressões de solidariedade de personalidades como o chefe Gatscha Buthelezi e o Bispo Desmond Tutu, e sabemos que hoje e amanhã as baionetas de novo estão nas mãos dos racistas para impedir as manifestações nas grandes cidades da África do Sul. Manifestações de indignação, apoio e solidariedade do povo sul-africano, manifestações públicas como a que teve lugar em Soweto aconteceram no dia seguinte ao ataque. Amanhã é domingo e em toda a África do Sul realizam-se cerimónias populares em honra dos patriotas massacrados na Matola. Rendemos a nossa homenagem a este povo heróico e corajoso da África do Sul.

Para compreender bem este ataque temos de recordar as acções da África do Sul em Moçambique. A agressividade do regime minoritário e racista da África do Sul em relação a Moçambique tem uma longa história. Primeiro, em 1960, os sul-africanos foram os primeiros a serem voluntários, juntamente com os rodesianos — nessa altura Rodésia do Sul e Rodésia do Norte — a apoiar o traidor Moisés Tshombé. Foram para lá como voluntários, para assegurar o poder tribal, regional, fantoche, de Moisés Tshombé. Já em 1960, 1961, de lá trouxeram orelhas para dar como prenda às suas mulheres. De lá trouxeram os dedos, de lá trouxeram os lábios grossos do negro para as mulheres poderem avaliar como são esses lábios. Trouxeram narizes, para ver que o nariz do negro não é levantado. E trouxeram outras coisas de imundícies. Não nos surpreende a atitude dos sul-africanos e rodesianos. Foram os sul-africanos, juntamente com os rodesianos, que mataram o Secretário-Geral das Nações Unidas, Dag Hamarskjold, em 1961. São bandidos e gangsters.

Esta atitude dos sul-africanos não se manifesta só depois da independência de Moçambique. Os sul-africanos foram aliados directos do colonialismo português. O Governo «boer» constituiu a base segura da dominação colonial portuguesa em Moçambique. Lourenço Marques não

era Lourenço Marques era «Delagoa Bay». Os colonos brancos portugueses imitaram os racistas sul-africanos até na maneira de vestir, os calções brancos e as meias altas. No período colonial a África do Sul alimentou, estimulou e reforçou em Moçambique o racismo, o tribalismo, a divisão.

Sob a influência da África do Sul, o racismo assumiu em Moçambique formas abertas quase institucionais. O colonialismo português copiou do racismo sul-africano o sistema do passe. Os pretos, aqui, depois das 9 horas da noite não podiam circular na cidade que tinham construído. No cinema, nos hotéis, nos restaurantes, nas casas, o povo moçambicano só podia entrar para servir de moleque. E o que aconteceu na África do Sul. Nós machimbombos ficávamos de pé, ou, quando muito, permitiam que nos sentássemos no último banco. Havia discriminação, até nos elevadores dos prédios. Os racistas sul-africanos agiam aqui como se estivessem na sua própria casa.

Muitos sabem, na antiga Avenida da República, hoje 25 de Setembro, andavam de fato de banho. Iam para os bazares, às casas mais luxuosas como a John Orr's e Eduardo Silva, entravam de fato de banho, e isto era normal para os portugueses.

A polícia sul-africana, em cumplicidade com a PIDE e com as autoridades coloniais portuguesas, vinha prender pessoas a Moçambique. Por isso já está habituado, pensa que ainda estamos no tempo colonial. Veio a Luta de Libertação Nacional. A África do Sul passou a apoiar directamente a guerra colonial. Vieram combater, no nosso território.

Logo em 1965, soldados «boers» foram lutar em Cabo Delgado e em Niassa. Queriam participar na matança. Atacavam-nos, cegos pela ideologia da superioridade racial. Desprezavam-nos. Queriam caçar-nos com as mãos. Diziam que não é preciso disparar para o preto, o preto é incapaz. Mas em vez de caçar, começaram a ser caçados. Matámo-los às dezenas. Calram vítimas do seu racismo. Fugiram em debandada, voltaram para Pretória.

Ficaram a ajudar os portugueses a planificar a guerra no quartel-general em Nampula. Já não queriam combater. Deixaram isso para o exército



No seu discurso, o Presidente Samora Machel exortou todo o Povo moçambicano a redobrar a vigilância — vigilância contra as acções do inimigo externo e contra a acção dos agentes infiltrados no nosso seio

colonial português mas forneciam apoio material. Mandavam médicos, forneciam medicamentos para os soldados portugueses. Os aviões sul-africanos, nos anos 70, lançavam desfolhantes e outros produtos químicos. Faziam experiências nas nossas zonas. O fascismo colaborava, o apartheid e o colonialismo associavam-se de muitas maneiras. As mulheres racistas sul-africanas colaboraram com o Movimento Nacional Feminino, coordenavam a ajuda aos soldados que massacravam o nosso Povo. Mandavam roupas, tendas, viaturas, presentes, sobretudo para o Natal. Mandavam ambulâncias.

Os racistas sul-africanos estavam em Nampula. Kaúlza e os oficiais portugueses iam a Pretória. Criaram em Pretória um comando unificado. Quando a luta avançou para o Sul, os racistas sul-africanos estabeleceram uma nova linha de fronteira. Era preciso fazer do Zambeze a linha de defesa da África do Sul. Era preciso conter a luta ali.

Quando Botha era ministro da defesa, a posição oficial do regime minoritário era: a fronteira da África do Sul passa agora no Zambeze. Planearam com os portugueses construir Cabora-Bassa. Planearam com os portugueses usar a albufeira de Cabora-Bassa como uma barreira natural para impedir o avanço da Luta Armada de Libertação Nacional para o sul do Zambeze. Quiseram utilizar o vale fértil do Zambeze para concentrar colonos e criar uma barreira humana hostil à liberdade e independência do nosso País. Queriam colocar um milhão de colonos brancos no Vale do Zambeze. Viriam todos eles de Portugal? A resposta está clara. Nós dissemos firmemente: venham, venham, que venham. Venham aumentar o alvo para as nossas armas. Até os maus atiradores terão oportunidade de matar. Porque as nossas armas estavam enferrujadas, precisavam de carne para comer.

Dizemos a mesma coisa hoje: Que venham, que venham, que venham. O nosso povo não teve a oportunidade de participar na luta, terá agora a ocasião de pôr uma picareta na cabeça do «boer». Imaginem a picareta na cabeça do «boer». Uma enxada na cabeça do «boer».

Desistiram; nessa altura desistiram. Conseguiram interessar o imperialismo nos investimentos de Ca-

bora-Bassa. O objectivo era obter um maior apoio na guerra que faziam ao nosso Povo. Fracassaram. Quando a luta ultrapassou o Zambeze, se instalou em Manica e em Sofala, os racistas aumentaram o seu apoio ao exército colonial português. A África do Sul destacou um novo agente operacional. Desta vez os rodesianos, coitados, vieram. Ocuparam Zumbo, particularmente em 1973, encontraram a resposta: Morte! Morte! Morte!

E voltaram para a Rodésia. O Povo Moçambicano cá está. Cá está e estará para sempre. Esta atitude dos sul-africanos de encontrar sempre agentes que morrem por eles, já é normal. Mais uma vez os racistas sul-africanos não queriam morrer. Mandaram os outros morrer em seu lugar. A nova fronteira da África do Sul passou a ser o Limpopo. De novo fracassaram. A fronteira é Incomati em Ressano Garcia, não é Limpopo.

Nada conseguiu fazer para a nossa marcha vitoriosa para a independência. Nenhuma estratégia, nenhuma tática, nenhuma manobra, nenhum exército. A vitória político-militar do nosso Povo sobre o colonialismo português foi um golpe decisivo para as pretensões da África do Sul.

Face à derrocada do colonialismo português, os racistas sul-africanos voltaram a mostrar a sua verdadeira face de inimigos. O regime «boer» agarrou-se à escória colonial. Apoiou Jorge Jardim e outros reacçãoários. Acolhe e alimenta marginais, bandidos, ladrões, drogados, desencadeia o golpe de 7 de Setembro. Apoiou os traidores. Simango e Joana Simeão iam à África do Sul receber ordens, dinheiro e apoio dos seus patrões. Os PIDES, libertados em 7 de Setembro, foram mandados para a África do Sul em helicópteros. Os colonos portugueses, em debandada, fugiram para a África do Sul. Os comandos, os flechas, OPVs, provocadores, agentes, todos esses fugiram para a África do Sul.

A África do Sul racista ficou a pátria deles, acolheu-os, recebeu-os de braços abertos. A África do Sul pôs os PIDES a trabalhar com a BOSS, reactivou as suas redes de informadores e agentes. Alguns estão em Moçambique a trabalhar para o apartheid.

(Continua na página seguinte)

# DESEJAMOS A PAZ MAS NÃO TEMEMOS A GUERRA

(Continuado da página anterior)

heid. Estão aqui conosco; gritam conosco, fingindo que estão conosco quando, só, trabalham para os racistas. Não têm vergonha. Gente sem escrúpulos, gente sem dignidade, sem orgulho, gente sem personalidade. Passam o tempo a vender-se e agora já não têm preço, o preço deles é passar à frente das nossas armas.

Quando os colonos portugueses começaram a deixar o nosso País, para onde foram? Correram para a África do Sul. Estou certo que estão lá mais de quinhentos mil, cerca de seiscentos mil portugueses que abandonaram Angola, que abandonaram Moçambique. Foram para lá mas só para servir de carne para as nossas armas. Como o «boer» não quer morrer, utiliza estes.

Tem valor para quando perde um dedo — parece que são 50 rands. Quando perde o resto, pelo menos cem rands. E quando perde a vida, quando perde a vida? O nariz, o olho, o braço, os dedos, a perna, o ferimento no corpo em qualquer sítio, isso ainda tem preço, mas quando a cabeça é cortada quanto vale? Quando os colonos correram para a África do Sul levaram os nossos carros, os camiões, as máquinas, levaram gado, mercadorias de valor, para a África do Sul. Levaram aviões e barcos para a África do Sul. Tudo isso o regime sul-africano recebeu. Tinham custado divisas ao nosso País. Eram produto de trabalho do nosso povo mas os racistas ficaram com tudo, e com eles também.

Depois da nossa independência intensificou-se a luta de libertação do Zimbábue. O apartheid era a base de apoio dos racistas rodesianos. Os racistas sul-africanos fizeram da Rodésia a sua grande base operacional contra Moçambique. «Mirages» sul-africanos dos mais modernos bombardearam Moçambique, destruíram alvos económicos, assassinaram o nosso povo, massacraram os refugiados. Para combaterem contratavam mercenários e fascistas de várias nacionalidades: israelitas, ingleses, portugueses, italianos, americanos e outros.

Os racistas sul-africanos queriam destruir-nos, queriam destruir a nossa independência, queriam destruir a nossa economia. Mas não queriam morrer.

O regime minoritário sul-africano organizou operações de reconhecimento e infiltrou agentes para fornecer informações às tropas rodesianas, forneceu material de guerra com que os rodesianos nos atacavam. O regime do apartheid era o único suporte dos rodesianos. A comunidade internacional decretou sanções contra a colónia britânica da Rodésia do Sul. O nosso país aplicou integralmente as sanções, suportámos pesados sacrifícios. A África do Sul opôs-se a estas sanções. A África do Sul fornecia o oxigénio que permitia ao regime rebelde sobreviver.

A África do Sul racista soube sempre assumir a sua natureza de covil onde se acolhem os bandidos da pior espécie, os marginais, os assassinos, os ladrões, os violadores de mulheres, os corruptos, os traficantes de droga, os contrabandistas. A África do Sul racista soube sempre assumir a sua natureza de reduto onde se acolhem os maiores inimigos da liberdade, os maiores inimigos dos povos, onde se desenvolvem e se acarinham as ideias mais retrógradas — esta é a natureza do regime do apartheid.

É um erro, um erro grave, pensar que ele pode mudar. É um erro pensar que há racistas maus e racistas bons, que há colonialistas maus e colonialistas bons, que há fascistas maus e fascistas bons, que há exploradores maus e exploradores bons. Quaisquer que sejam as suas manobras, qualquer que seja a face que apresentem, o apartheid, o colonialismo, o fascismo, a exploração, são inimigos declarados da liberdade dos povos, são inimigos irreductíveis da humanidade. Pela sua natureza, a África do Sul racista sempre lutou contra a libertação da África.

O regime sul-africano é forçado agora a comportar-se como agressor directo. Já não tem países que lhe sirvam de agentes. Já não tem países que morram na guerra por ele.

Agora o regime sul-africano é forçado a confrontar-se directamente com a África independente. Não com Moçambique mas sim com a África inteira, com todas as forças progressistas, com a zona libertada da Humanidade, com todas as forças democráticas, com todos os países amantes da paz. São estes os actuais inimigos da África do Sul.

É do seu território que o regime sul-africano tem desencadeado as agressões, é do seu território que o regime racista sul-africano tem de

preparar a contra-revolução. O regime racista da África do Sul aparece agora em confrontação directa conosco.

Esta confrontação directa não começou no dia 30 de Janeiro. Já há muito tempo que a África do Sul, pela sua própria mão, recruta, treina, equipa, infiltra agentes através da fronteira em Moçambique. Estes agentes recebem ordens directas dos serviços secretos da África do Sul. É numa emissora da África do Sul que se produz agora a «Voz da Quizumba», é em campos de treino na África do Sul, como o de Palaborwa, que são treinados os traidores e os agentes da contra-revolução. E de aeroportos na África do Sul que levantam os aviões e helicópteros que violam o nosso espaço aéreo e que apoiam os grupos de bandidos infiltrados no nosso País, e que realizam acções de reconhecimento aéreo. É através da fronteira com o nosso País que o regime racista infiltra os grupos fantoches.

Nos últimos dias de Janeiro, numa operação das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), liquidámos cerca

de 70 elementos, capturámos 28 armas individuais, 2 metralhadoras pesadas, 6 bazucas e grande quantidade de munições. Eles acabavam de penetrar no território nacional, no Pafúri.

Esta acção do regime minoritário é parte integrante de toda a dominação «boer» na África do Sul. Os «boers» são como os sionistas — julgam-se um povo eleito de Deus. Para eles os negros têm natureza sub-humana. O fanatismo religioso, a violência, a brutalidade, o racismo, são traços característicos da mentalidade retrógrada dos «boers». Não vivem no nosso século, são primitivos.

O regime do apartheid são desta maneira de ser e de pensar. Ele é minoritário, colonialista, agressor. É um estado isolado na comunidade internacional. É um corpo estranho à humanidade. As próprias potências do Ocidente condenam o apartheid. Os seus únicos parceiros são os fascistas, os sionistas, os fantoches. Apenas estes apoiam a política de uma minoria de brancos que oprime e nega quaisquer direitos aos vinte e três milhões de negros.

O governo da África do Sul insiste em considerar o seu país como um país só de brancos. Insiste em tornar os negros estrangeiros na própria terra. Impede que a África do Sul seja um país de todos os sul-africanos — pretos, brancos, mestiços, indianos, chineses.

A essência colonialista do poder dos racistas desmascarou-se quando cria os bantustões, quando divide o país e cria independências fantoches, quando ocupa e coloniza a Namíbia. Existem agora quatro bantustões na

África do Sul. Mas os quatro bantustões na África do Sul não são mais nem menos que quatro cascos onde descansam a partir de sexta-feira à tarde até ao fim de tarde de domingo. É lá onde não há racistas. Nós cascos sim, não há racistas. Quais são os outros sítios? Só nos cascos, nos prostíbulo — aí não há racismo. Por isso desde o fim da tarde de sexta-feira até ao fim da tarde de domingo, nestas zonas não há racismo, só nestes dois lugares em todo o bantustão.

A ocupação ilegal da Namíbia é um desafio aberto a todas as resoluções das Nações Unidas e outros organismos internacionais. A África do Sul divide o povo da Namíbia, tenta impor-lhe um regime de fantoches e conduzi-lo a uma independência fictícia. O objectivo é manter a exploração dos imensos recursos naturais desse país.

O regime minoritário e racista da África do Sul tem uma política belicista, desenvolve uma indústria de material de guerra, adquire grandes quantidades de armamento estratégico sofisticado. Organiza frenética-

mente o arsenal nuclear, apoia directamente os bandidos que abastecem por via aérea, viola as nossas fronteiras aéreas, terrestres e marítimas, infiltra agentes espíões e sabotadores, alguns de pára-quadras. Fabrica moeda falsa e imprime e lança panfletos por via aérea, pelos rios e pelo mar. Organiza junto da nossa fronteira bases militares nas quais treina e alberga os bandidos armados, os mercenários, os militares racistas.

Dai partem as agressões militares ao nosso País. Militariza a fronteira de Krueger Park, até à fronteira do Zimbábue. Lança provocações permanentes na fronteira. Organiza no Transvaal um complexo militar de mais de duas dúzias de importantes bases aéreas e militares de carácter ofensivo.

Esta política belicista visa garantir o capitalismo sul-africano, garantir o domínio perpétuo das reservas das matérias-primas da África Austral. Para realizar esta política, o regime do «apartheid» concebeu a constituição, na parte sul do nosso continente, de uma cintura de Estados de dominação das minorias brancas: a África do Sul, a Namíbia, a Rodésia, Moçambique, Angola. Estes dois últimos com ou sem Portugal.

O Zaire, a Zâmbia e a Tanzânia chegaram a ser considerados parte desta cintura. A África do Sul racista seria o líder, seria o papá, o chefe. Haveria Estados de dominação branca e Estados satélites, onde o poder político seria confiado a fantoches negros. Haveria ainda uma terceira categoria, a dos bantustões.

O avanço da liberdade em África gera o desespero e provoca uma maior agressividade por parte do maior

racista. Em 1974 prepara a invasão do nosso País, apoiando o movimento reacçãoário de 7 de Setembro. As armas e munições chegaram a ser deslocadas para junto da nossa fronteira com o conhecimento do então ministro da defesa, o actual primeiro-ministro, Pieter Botha.

Em 1975, forças militares sul-africanas invadem Angola, integrando movimentos fantoches. A resposta é esta. Nessa altura Angola ainda não estava independente. Por isso tudo está claro. Não havia ANC lá, não havia a SWAPO lá. Então porque é que a África do Sul invadiu Angola antes de ser independente?

Hoje, diz que ataca Angola por causa da SWAPO. E em 1975? Hoje diz que ataca Angola por causa dos cubanos. Os cubanos vieram precisamente a pedido da África do Sul. Muito Khanimambo, África do Sul, que trouxe os cubanos a Angola. Embaixador de Cuba, transmite ao Fidel Castro: Obrigado por ter respondido positivamente ao pedido da África do Sul.

Realiza ataques militares contra Angola, Zâmbia, Botswana, com apoio

lizarem o País. O regime da África do Sul agride a República da Zâmbia, onde infiltra agentes causando distúrbios. O regime da África do Sul arma grupos que actuam contra o Reino do Lesotho, destruindo centrais eléctricas, bens de consumo.

Só a cegueira racista de Pretória pode pretender que nos acomodem à ideia de que a agressão do dia 30 é uma simples expedição punitiva contra o ANC. De que a acção não visava o nosso País. Sejam claros mais uma vez: o regime da África do Sul atacou a República Popular de Moçambique.

Não aceitamos que o nosso País seja transformado numa carreira de tiro. Não aceitamos que o nosso território seja um corredor de trânsito para toda a corja de assassinos. Não aceitamos que tentem transferir as suas contradições internas para a nossa Pátria.

A República Popular de Moçambique é um Estado independente. A violação da nossa fronteira por uma força militar, a progressão em profundidade no nosso território, o ataque e destruição de propriedade

do Sul não podia atacar Moçambique. Porquê? Primeiro aspecto, portanto: subestimámos o inimigo. Segundo aspecto: Com o fim da guerra na Rodésia criou-se um sentimento generalizado de que finalmente havia paz no nosso País. Criou-se o relaxamento, em parte o espírito de vitória. Deixámos de estar vigilantes, diminuímos o grau de mobilização do Povo, a sensibilização do Povo, o esclarecimento do Povo sobre quem é o nosso inimigo.

Permitimos que o inimigo penetrasse nas brechas e aproveitasse as fraquezas existentes. O inimigo utilizou vícios e insuficiências de alguns elementos das Forças de Defesa e Segurança. Elementos que revelaram insuficiências ideológicas, deixaram-se ganhar pelo inimigo. Como sempre, as brechas por onde o inimigo entrou foram a ambição, a corrupção, o regionalismo, o tribalismo e o racismo. No aspecto da corrupção, vimos a corrupção ideológica e a corrupção material.

O inimigo procurou saber o gosto de cada um desses elementos corruptos. Descobriu primeiro que tinham ambição, em segundo lugar descobriu que gostavam de dinheiro, em terceiro lugar que gostavam de álcool e em quarto lugar que gostavam de mulheres.

Então o inimigo abasteceu, deu-lhes isso. Deu dinheiro, deu álcool e deu mulheres, aparentemente as mais belas. Mas o inimigo não pode apanhar as mais belas. As mais feias, foi o que apanharam eles. Apanharam os restos, desprezíveis.

Estas foram as causas de fundo que permitiram aos racistas entrarem no nosso País, massacrar, assassinar, destruir e sair do nosso território impunemente.

No dia trinta de Janeiro, cerca de uma hora de madrugada, um comando sul-africano que incluía mercenários rodesianos, atacou três casas onde viviam membros do ANC da África do Sul e membros dos sindicatos sul-africanos. Esse comando penetrou no nosso País cerca das 23 horas, violando a fronteira da região de Panguane, onze quilómetros a sul de Ressano Garcia.

Tomou uma picada e entrou na estrada alcatroada de Ressano Garcia-Maputo. Os comandos racistas tinham as mãos e a cara pintadas de preto. Usavam camiões que se assemelhavam aos nossos camiões militares. No caminho, iam lançando esporões de ferro, para furar os pneus dos carros que os perseguissem. Ao chegar à Matola, os comandos inimigos fecharam a estrada em dois pontos. Um entre os emissores da Rádio Moçambique e a ponte da Matola, outro no cruzamento para o Bairro do Fomento. Foi aqui que mataram um cidadão português cooperante da Electricidade de Moçambique que regressava do seu trabalho de inspecção de linhas eléctricas, um cooperante pacífico que conosco trabalhava na reconstrução de Moçambique.

Na primeira casa, os racistas usaram o truque de se apresentarem como elementos das Forças Populares de Libertação de Moçambique que vinham falar com os elementos do ANC. Logo que eles saíram mandaram levantar as mãos e começaram a disparar. A reacção das forças de protecção liquidou vários elementos das forças racistas sul-africanas.

Ai foram abatidos cinco elementos do ANC, dos quais quatro morreram e um ficou gravemente ferido, e continua no hospital. O corpo de um comando foi abandonado no local. Capturámos cinco armas, dois rádios-transmissores, granadas e munições várias.

Na segunda residência, que pertencia aos sindicatos sul-africanos, os comandos do regime minoritário pararam os camiões e daí dispararam obuses e granadas, que destruíram a casa e mataram os ocupantes. Ao retirarem, colocaram granadas-armadilhas nas saídas da casa.

Na terceira residência, os comandos cortaram os telefones, bloquearam as portas das casas vizinhas e dispararam na entrada obuses e granadas matando todos os ocupantes. Em seguida, retiraram da casa livros e revistas que são considerados «armamento» do ANC.

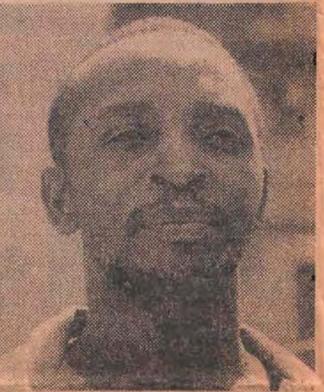
Nas três residências, os comandos inimigos assassinaram 12 militantes do ANC e dos sindicatos da África do Sul. A agressão durou cerca de uma hora. Depois de terminar a acção, os comandos retiraram através da Machava, seguindo ao longo da via férrea. Sairam de Moçambique através da região de Panguane, perto de Ressano Garcia, por onde tinham entrado. Sairam do território moçambicano aos 5 horas da madrugada. Foram apoiados nesta

(Continua na página seguinte)

## AQUELES QUE SE VENDERAM AO INIMIGO



José Manuel Simango e Marcos Kampemba: o primeiro trabalhava na Segurança Militar para proteger os infiltrados; o outro vendia informações à RSA



Fernando António Nhacócia e Francisco Vilanculos: Ordenaram à guarnição da Matola que não respondesse ao fogo



Issaume Dady e Constantino Adriano da Costa: agentes ao serviço do inimigo



Alcide Chivite e Jossias Dlakhana: o primeiro trabalhava para os rodesianos e sul-africanos; o segundo vendeu segredos militares ao inimigo

de organizações fantoches contra-revolucionárias. O Lesotho e a Suazilândia são alvos também das manobras subversivas dirigidas por Pretória. O regime de Pretória afirma que quer ter boas relações de vizinhança, mas simultaneamente promove e apoia acções armadas de banditismo e terror. Realiza invasões armadas cujo objectivo é a destruição de alvos económicos, como o demonstram as constantes agressões contra a República Popular de Angola.

A demência sul-africana chega ao ponto de fazer uma lei em que se arroga o direito de intervir militarmente em qualquer país africano até ao Equador. Ao mesmo tempo, dentro do País, cria «guetos» suburbanos. Leva a cabo acções repressivas sobre estudantes, operários, sindicalistas, assassina dirigentes populares, massacra em Soweto.

A consolidação da independência nos países da África Austral, força o regime minoritário a um recuo tático em relação ao plano da cintura de Estados de dominação de minoria branca. O regime da África do Sul cria a teoria da constelação de Estados. É a tática da dominação da região através do poder económico.

Para forçar os países vizinhos a aceitar essa teoria, o regime sul-africano destrói infra-estruturas económicas, procura reduzi-los à dependência, agride a República Popular de Moçambique. O regime da África do Sul agride a República Popular de Angola, ameaça a República do Botswana. O regime minoritário da África do Sul treina mercenários rodesianos para serem infiltrados na República do Zimbábue e desestabi-

lizar o País. O regime da África do Sul agride a República da Zâmbia, onde infiltra agentes causando distúrbios. O regime da África do Sul arma grupos que actuam contra o Reino do Lesotho, destruindo centrais eléctricas, bens de consumo.

Só a cegueira racista de Pretória pode pretender que nos acomodem à ideia de que a agressão do dia 30 é uma simples expedição punitiva contra o ANC. De que a acção não visava o nosso País. Sejam claros mais uma vez: o regime da África do Sul atacou a República Popular de Moçambique.

Não aceitamos que o nosso País seja transformado numa carreira de tiro. Não aceitamos que o nosso território seja um corredor de trânsito para toda a corja de assassinos. Não aceitamos que tentem transferir as suas contradições internas para a nossa Pátria.

A República Popular de Moçambique é um Estado independente. A violação da nossa fronteira por uma força militar, a progressão em profundidade no nosso território, o ataque e destruição de propriedade

do Sul não podia atacar Moçambique. Porquê? Primeiro aspecto, portanto: subestimámos o inimigo. Segundo aspecto: Com o fim da guerra na Rodésia criou-se um sentimento generalizado de que finalmente havia paz no nosso País. Criou-se o relaxamento, em parte o espírito de vitória. Deixámos de estar vigilantes, diminuímos o grau de mobilização do Povo, a sensibilização do Povo, o esclarecimento do Povo sobre quem é o nosso inimigo.

Permitimos que o inimigo penetrasse nas brechas e aproveitasse as fraquezas existentes. O inimigo utilizou vícios e insuficiências de alguns elementos das Forças de Defesa e Segurança. Elementos que revelaram insuficiências ideológicas, deixaram-se ganhar pelo inimigo. Como sempre, as brechas por onde o inimigo entrou foram a ambição, a corrupção, o regionalismo, o tribalismo e o racismo. No aspecto da corrupção, vimos a corrupção ideológica e a corrupção material.

# DESEJAMOS A PAZ MAS NÃO TEMEMOS A GUERRA

(Continuado da página anterior)

operação pela aviação que os acompanhou até Moven e os apoiou de novo na retirada.

Analisámos detalhadamente os acontecimentos. Analisámos os actos de cada um, o comportamento de cada responsável, o que fez e como agiu. Verificámos que a violação da fronteira foi detectada cerca das 23 horas e 30 minutos por um grupo de reconhecimento das tropas de Guarda-Fronteira. Porém, a comunicação desta violação só chegou ao Estado-Maior General às 9 horas da manhã. É por acaso?

O inimigo já saiu do território às 5 horas, e a notícia chega ao Estado-Maior às 9 horas. É por acaso?

Uma guarnição que se encontrava próximo de uma das casas atacadas não reagiu ao ataque inimigo. Os comandos assassinos puderam sair do território nacional sem serem detectados. Estes factos são tristes e dolorosos.

Mas temos que responder às dúvidas que eles levantam em nós. Porque houve passividade na reacção

costuma dizer, todo o Povo moçambicano tem a mesma expressão: «Quando o feiticeiro entra numa casa é porque alguém lhe abriu a janela ou a porta, para ele penetrar».

Os racistas sul-africanos tiveram quem lhes abrisse a porta. Houve aqueles em que o Povo confiou e que traíram o Povo. Houve oficiais nas Forças Armadas de Moçambique que abriram as portas e as janelas para o feiticeiro entrar. Não é um fenómeno novo. Durante a guerra de resistência dos nossos antepassados os colonialistas venceram porque havia traidores no seio do Povo. Durante a guerra de libertação nacional, também surgiram os que traíram o nosso seio. Foi porque purificámos as fileiras e implacavelmente arrancámos as ervas daninhas, destruindo as catigas impuras que existiam entre nós, que derrotámos o colonialismo.

Quando relaxamos a vigilância, quando coexistimos com os agentes e traidores, sofremos derrotas e vexames, sofremos humilhações, sofremos vergonhas. O ataque dos racistas sul-africanos, que não foi devidamente punido nem rejeitado pelas nossas forças, é exemplo desses reveses causados por esses agentes e traidores. Os agentes e traidores tinham informado o inimigo sobre a nossa preparação combativa, as nossas posições, as nossas armas, o nosso sistema defensivo. Outros desorganizaram e destruíram os meios de transporte das Forças Armadas de Moçambique.

Outros ainda organizaram a passividade das nossas forças. Vamos ver alguns casos, vamos ver alguns agentes e traidores que com a sua acção contribuíram para o ataque dos racistas sul-africanos.

Um por um, vou chamá-los.

(O Presidente Samora Machel, neste ponto, apresenta os diversos agentes do inimigo, enumerando os crimes cometidos por cada um deles).

CAPITÃO MARCOS NDAUANE KAMPEMBA: trabalhava na Segurança, no Serviço de Contra-Inteligência Militar, tinha destruído dois carros, provocava constantemente acidentes, foi-lhe proibido conduzir, foi-

lhe retirada a possibilidade de utilizar, para benefício próprio o carro de serviço.

Tornou-se descontente. Como descontente ligou-se a outros descontentes, indivíduos que tinham sofrido pequenas punições por causa da incompetência, negligência, abuso de poder, etc.

Também se ligou, por corrupção, a marginais, ladrões e contrabandistas, criminosos. Por isso os protegia. Membro da Segurança, tornou-se protector de ladrões e criminosos. Quando verificou que os seus amigos estavam ligados a contra-revolucionários e ao inimigo racista, protegeu-os, sabotou as informações para os seus superiores, impedindo assim que se tomassem medidas contra os criminosos e agentes do inimigo.

CAPITÃO ISSAUME USSENE DADY: foi encarregado de dirigir actividades de produção das Forças Armadas de Moçambique, dos antigos combatentes do Ministério da Defesa Nacional. Roubava sistematicamente os bens do Ministério da Defesa Nacional. O centro de produção de galinhas do Ministério da Defesa Nacional, aqui em Maputo, já não servia para abastecer os quartéis e o Hospital Militar. As nossas galinhas serviam para abastecer lojas clandestinas. Igualmente, desviava caixas de cerveja e refrigerantes para as lojas clandestinas. Participava ainda na organização duma rede de tráfico de divisas.

Um capitão encarregado de produção que rouba o exército e sabota a economia nacional, um capitão ligado a marginais. Quando são introduzidas as patentes, fica descontente na base do tribalismo, na base do racismo. Liga-se a outros descontentes, descontentes e ladrões que vêm a constituir o seu grupo. Forneceu informações militares a estrangeiros. Regozijam-se com o ataque sul-africano porque estão ligados a eles.

CAPITÃO JOSÉ MANUEL SIMANGO: Tal como o capitão Issaume, é ladrão e está envolvido com marginais. rouba à cantina militar, rouba à Escola Militar de que é responsável, rouba galinhas, vai caçar ilegalmente, organiza caçadores furtivos, caça com armas de guerra, pratica o abate indiscriminado da caça. Vende ilegalmente a carne, liga-se a contrabandistas, vende armas e munições e faz contrabando.

Com os produtos do roubo e contrabando abre uma cantina ilegal. Vende informações militares a estrangeiros, nomeadamente a agentes sul-africanos. Para se «proteger» e não ser preso pelos seus crimes, vai a uma curandeira, conhecida por «Vóvó Matchocha», que vive na Catembe, paga-lhe 15 contos. Capitão ladrão; capitão contrabandista; capitão cantineiro e supersticioso; capitão agente do inimigo.

FERNANDO ANTÓNIO NHACÓ-CUA e FRANCISCO SALEMA VILANCULOS: Estes dois entraram nas Forças Armadas em 1975. Eram o comandante e vice-comandante da guarnição estacionada na Matola. Por alta traição e cobardia, durante o ataque sul-africano, estes dois ordenaram às suas unidades para que não respondessem ao fogo inimigo. São agentes traidores ao serviço das forças sul-africanas.

CAPITÃO CONSTANTINO ADRIANO DA COSTA: Este capitão é recrutado para trabalhar, para o inimigo,

sendo chefe de Gabinete do Chefe do Estado-Maior General. Os recrutadores, elementos dos serviços secretos de países membros da NATO e da África do Sul, encontravam-se em Maputo. Recebe duas missões essenciais:

a) Impedir o Chefe do Estado-Maior de receber, antecipadamente as informações operacionais que lhe permitem dirigir com eficiência. Mensagens e relatórios para o Chefe do Estado-Maior General são desviados.

b) Informar o inimigo sobre os documentos secretos a que ele tem acesso. E assim ele fez.

CAPITÃO ALCÍDIO MARCOS CHIVITE: Participou na guerra de libertação nacional. Eu nunca gostei deste capitão. Nas marchas longas comigo ele sempre caía, ficava quatro horas atrás, e nós desconfiávamos. Já em 1969. Em Tete, marchou comigo, caiu várias vezes. Por isso, eu perguntei aos companheiros: Porque é que dão a patente de oficial a um homem que cai, que não é capaz de conduzir uma coluna?

Foi recrutado, durante a guerra do Zimbabwe, pelos serviços rodesianos e sul-africanos. Começou por fornecer as listas de material da ZANU e da ZAPU aos rodesianos e aos sul-africanos. Ele era o chefe de material.

Ataques contra depósitos de material militar dos movimentos de libertação do Zimbabwe são o resultado das informações fornecidas por este capitão. Mais tarde, começou a vender as listas de material, de todo o material militar da República Popular de Moçambique. Às vezes recebia cem dólares, às vezes 50 mil meticals quando a lista fosse de valor. Igualmente, organizava o boicote de fornecimento de material às unidades da primeira linha, em especial às unidades que defendem nas fronteiras. Por algumas centenas de contos vendeu a Pátria. Hoje, durante interrogatórios diz-nos que não tem preço aquilo que vendeu.

TENENTE-CORONEL JOSSIAS RESSAMO DLAKHAMA: Era o chefe da Direcção de Auto-Blindados. Elemento ambicioso, tribalista, regionalista, racista, mas ganancioso também por dinheiro. Começou por utilizar bens para benefício pessoal, de seus familiares e amigos, requisitando em nome do Ministério da Defesa, bilhetes de aviação para seus familiares e amigos irem de férias.

Utilizando a capa do Ministério da Defesa Nacional e da Segurança, mandou ocupar casas desalojando os legítimos locatários em benefício de familiares, amigos e cúmplices.

Na Direcção de Auto-Blindados, organizou o roubo de viaturas, peças sobressalentes e gasolina. Na Direcção de Auto-Blindados organizava acidentes de viação contra carros civis. Não é por acaso que os acidentes militares eram em maior número em Maputo do que juntando todos os acidentes do resto do País. Contra crianças, contra mulheres, contra trabalhadores, contra casas, contra machimbombos, contra ciclistas e contra postes de electricidade. Os carros civis, vítimas de choques propiciados, eram comprados aos proprietários, que recebiam 200 a 300 contos. Em seguida, eram reparados nas oficinas de Auto-Blindados e ven-

didos por 10 a 20 contos aos elementos da rede de ladrões e sabotadores.

Quer dizer, atacavam os carros civis, indemnizavam por 200 a 300 contos, levavam os carros para a reparação, reparavam e vendiam-nos aos criminosos, autores de acidentes, por dez a vinte contos.

Na direcção da Auto-Blindados, organizava-se a destruição sistemática de meios de transporte militares com o objectivo de sabotar a mobilidade das Forças Armadas de Moçambique. Na Direcção da Auto-Blindados sustentava-se uma rede de cerca de uma centena de antigos Pides, antigos DGS, antigos ANP, antigos OPV, antigos GE, antigos GEP, antigos Comandos, etc.

O tenente-coronel Diakhama sistematicamente não cumpria ordens para desmantelar esta rede ou publicar as fotografias dos elementos e substituí-los por outros. Tornou-se protector dos antigos Pides, alegando que eram profissionalmente competentes. Quando detectava que um deles ia ser preso, transferia-o e camuflava a transferência.

Propôs que antigos agentes do inimigo fossem graduados como oficiais e até oficiais superiores. Ofereceu introduzir esses agentes em altas delegações militares para visitarem países socialistas irmãos. Devido à nossa vigilância, rejeitámos a sua integração. Nenhum deles participou.

Sabotavam com apoio de agentes a cooperação militar com os países socialistas e tentavam levar as nossas Forças Armadas à cooperação com países da OTAN. Vendeu altos segredos militares das Forças Armadas de Moçambique.

Compatriotas, estes e outros criminosos, agentes do inimigo, logo que terminados os seus processos serão entregues, para julgamento, ao Tribunal Militar Revolucionário.

Há muitos outros, há civis também. No momento oportuno ser-vos-á informado.

Não nos assustemos, pelo contrário, felicitemo-nos. Não é frequente em muitos países encontrar isto. Felicitemo-nos porque são um punhado de traidores, não são representativos nem do Povo, nem das nossas Forças Armadas de Moçambique, nem do corpo de Oficiais. São elementos que no caminho da Revolução encontram e assumem a traição. Alguns deles até foram combatentes da guerra de libertação nacional. Muitos deles, capitães e tenentes, foram desde o início da guerra de libertação nacional, juntar-se à FRELIMO.

Mas levar a Revolução até ao fim — esse é que é o problema. Viver, sem se vender, viver sem trair — esse é que é o problema da Revolução. Foram ganhos pela ambição, o gosto pelo conforto, a vida fácil, o tribalismo, o regionalismo, o liberalismo. A indisciplina, pouco a pouco, minou a sua honestidade e patriotismo. Arrastou esses homens para o caminho desonroso de vender a Pátria. Hoje constituem um punhado de miseráveis criminosos, traidores sem dignidade. São eles os «feiticeiros» que trazem o inimigo a Moçambique, são eles os olhos e ouvidos dos racistas de Pretória no nosso seio. São eles, muitas vezes, a mão que destrói a viatura e paralisa a arma que deve combater o inimigo.

Sermos vigilantes é proteger tam-

bém as nossas Forças Armadas de Moçambique, denunciar os comportamentos estranhos de oficiais e soldados, denunciar o roubo, a bebedeira, a corrupção, o desvio dos bens do Estado — que são os primeiros passos do caminho da traição.

É necessária a vigilância para impedir crimes contra o nosso Povo. Os traidores não são estrangeiros. São filhos, maridos, irmãos, familiares, amigos de cada um de nós, que se tornaram revoltosos e seguiram o caminho da corrupção, exploraram o relaxamento da nossa vigilância. Exploraram os laços de família. Laços que nos uniam a eles.

Sejamos vigilantes, sejam implacáveis para com o inimigo. Os traidores que acabamos de ver são alguns dos agentes do regime minoritário, que a África do Sul compra, corrompe e infiltra no nosso País. Esta é a face oculta da agressão. Esta é a condição sem a qual a agressão aberta não é possível.

Eles dizem que nos atacam por causa do nosso apoio ao ANC. Querem dividir-nos, querem enfraquecer-nos, querem que nós deixemos de apoiar o ANC. Nós e o ANC sempre fomos solidários. É impensável que o nosso Povo e o Povo da África do Sul deixem de ser solidários.

O ANC é o movimento de libertação mais antigo de África. O ANC é a vanguarda que há cerca de 70 anos dirige a luta do Povo sul-africano pela sua liberdade. O ANC é a vanguarda que assumiu a tração da resistência secular à ocupação estrangeira. O ANC é a vanguarda de todo o Povo sul-africano na luta contra o «apartheid».

O que é o «apartheid»? Porque é este sistema condenado por toda a Humanidade?

O «apartheid» é o sistema que mantém 23 milhões de oprimidos, humilhados, segregados, negados da sua condição humana. A África do Sul é o país onde os pretos vivem no quintal da cidade. A África do Sul é uma ilha com cidades e bairros só para brancos, só para mestiços, só para indianos, só para pretos. A África do Sul é o país onde há escolas só para crianças brancas, só para crianças mestiças, só para crianças indianas, só para crianças pretas. A África do Sul é o país onde há restaurantes só para brancos, só para mestiços, só para indianos, só para pretos. A África do Sul é o país onde há cadeiras de jardins, cinemas, praias, casas de banho, machimbombos só para brancos, só para mestiços, só para indianos, só para pretos.

A África do Sul é o país onde há hospitais só para brancos, só para mestiços, só para indianos, só para pretos. Este é o país onde é crime o amor, entre pessoas de raças diferentes. É o país onde há empregos reservados para uma raça. Este é o país onde os pretos para se deslocarem nas ruas da cidade precisam de «passe».

Todos nós vimos isto, vivemos e sentimos na nossa própria carne. Todos nós sofremos esta humilhação. O «apartheid» constitui uma forma de colonialismo no seio da Humanidade. Por isso nós compreendemos profun-

damente a justa luta do Povo sul-africano.

Somos firmemente solidários com a justa luta do Povo sul-africano. Somos solidários com o ANC. O ANC é um dos faróis que em África iniciaram a luta pela libertação nacional contra o racismo e a dominação colonial. Campo fértil em que mergulham raízes da nossa própria luta de libertação, património e orgulho do nosso Continente, representante da vontade dos povos pela libertação. O ANC é reconhecido pela Comunidade Internacional como verdadeiro e legítimo representante do Povo sul-africano, o ANC está representado em todas as partes do mundo, em todas as organizações internacionais, o ANC está representado na República Popular de Moçambique.

Em todo o mundo, o ANC tem representações, escritórios, residências, cidadãos exilados, refugiados da segregação e da repressão.

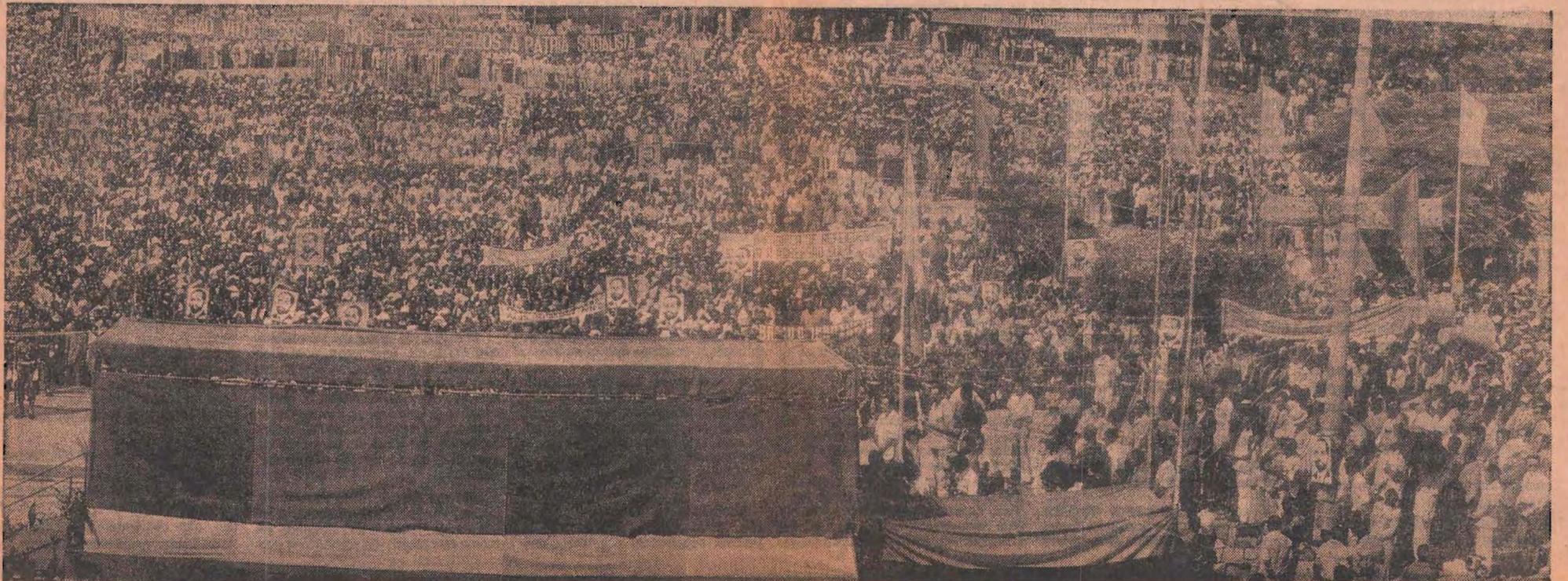
O ANC tem representações na Inglaterra, na França, na Itália, nos Estados Unidos da América, nos países nórdicos, em toda a África, nos países socialistas. Os seus militantes residem em casas nestes países. Foi em residências como estas que os militantes do ANC foram alvo de destruição e massacre na madrugada do dia 30 de Janeiro. Residências que o regime sul-africano classificou como bases de militares do ANC. Então estamos à espera que vão atacar a França. Estamos à espera que vão atacar a Inglaterra. Estamos à espera que vão atacar Nova Iorque. Estamos à espera que ataquem todo o mundo, as capitais, que transformem em bases as residências dos militantes refugiados do «apartheid».

Estivemos aqui há cerca de um ano. Estivemos reunidos para fazer o primeiro balanço da Ofensiva. Constatámos que estavam criadas as condições para concentrarmos as nossas forças para as tarefas da reconstrução do nosso País. Dissemos que esta era a batalha decisiva para a nossa total libertação, a libertação do subdesenvolvimento. Dissemos que esta era a batalha decisiva para neutralizar e aniquilar todas as manifestações do inimigo no nosso seio. Consolidar a Paz na região, desenvolver a Pátria e construir o socialismo.

A Paz é um princípio fundamental da nossa vida. É um princípio do Partido FRELIMO, é um princípio constitucional. Desde a Frente de Libertação de Moçambique que definimos a paz como nosso objectivo. A Paz para os povos significa o gozo pleno da liberdade, o respeito da personalidade e dignidade, um exercício pleno do direito ao desenvolvimento e ao progresso, a recusa firme da humilhação, da dominação e da exploração. A Paz significa, meus irmãos, podermos cultivar as nossas machambas sem perigo dos bombardeamentos, podermos trabalhar nas nossas fábricas sem ameaça de sabotagem. Significa podermos deslocar-nos por todo o nosso País, nas cidades e nas aldeias comunais, com inteira segurança, podermos crescer e educar os nossos filhos na prosperidade dos nossos lares. Podermos viver nas nossas casas em felicidade. A Paz significa o calor profundo da liberdade. É este o conteúdo real da Paz.

Nós somos um povo amante da Paz, um povo que nunca se cansa da

(Continua na página seguinte)



# DESEJAMOS A PAZ MAS NÃO TEMEMOS A GUERRA

(Continuado da página anterior)

liberdade. Um povo que nunca se cansa da Paz. Um povo que está sempre disposto a consentir os maiores sacrifícios pela sua liberdade e pela defesa da Paz.

Nós não queremos a guerra. Nós somos fazedores da Paz porque somos socialistas. Somos porta-bandeira da Paz. O socialismo constrói a Paz, porque destrói a exploração, a humilhação, a opressão a dominação, a ignorância, a miséria, o analfabetismo, a doença.

É o socialismo que cria as iniciativas para estabelecer a Paz e a fraternidade entre os povos. O acordo Salt II, instrumento que define o estabelecimento da paz e do desarmamento, é o resultado da iniciativa da União Soviética, dos países socialistas.

O imperialismo alimenta-se da exploração, da humilhação, da opressão, da discriminação, da ignorância e da miséria. Por isso recusa ratificar o acordo Salt II.

O imperialismo produz a guerra. Vive produzindo a guerra. Tem de encontrar a maneira de ocupar os seus cidadãos, de movimentá-los provocando focos de tensão, para se libertar do desemprego que há no País. Ser militar passa a ser profissão. Atacar certos lugares já é profissão. O imperialismo foi sempre o agressor.

Nós queremos a paz porque sem a paz não acabamos com a fome, a miséria, a doença.

Nós não queremos ir à África do Sul. Mas eles vêm para aqui. O que é que vamos fazer?

Nós não queremos a guerra, mas se eles vêm para aqui? O sol só vem depois da chuva. O que fazer? É preparar condições para receber a água. Abrir canais, abrir cisternas para receber a água das chuvas e guardar.

Uma parte quer a paz e a outra não quer a paz. Que fazer? Deixemos a África do Sul escolher. Não temos medo da guerra.

Todo o Povo moçambicano é produto da guerra. Esta nossa liberdade, esta nossa independência, esta nossa Pátria socialista, são produtos da guerra. Toda a nossa solidariedade para com os povos oprimidos, toda a nossa amizade com aqueles que sofrem, ganhámo-las durante a nossa guerra.

Que escolhá a África do Sul, se devemos viver em paz ou se devemos viver em guerra. Guerra fria, também não queremos. Preferimos a guerra aberta. Não queremos passar o tempo a concentrar tropas nas fronteiras, viver em tensão. Guerra fria, não queremos. Não queremos também ataquinhos, e sair. Não queremos isso. Queremos guerra aberta. Eles querem vir cá, talvez seja para almoçar no Hotel Polana e depois o jantar será na Ponta Malongane. Mas nós gostaríamos de ir com eles para ser bom o jantar.

Eles querem vir cá assassinar.

Então dizemos: Que venham! Que venham todos os racistas, mesmo que sejam mais de 4 milhões, venham! Temos aqui espaço para eles. Então lá a maioria, os 23 milhões de sul-africanos, vão tomar o poder.

Eles estarão cá e a maioria estará a tomar poder na África do Sul.

A história faz-se de maneiras diferentes. Cada um tem cavado a sua trincheira e tem cavado também a sua cova. Trincheira para se defender, mas cova também para se sepultar.

Não podemos negar a lógica da história. Veremos adiante.

Que venham cá, que o fim do «apartheid» será mais próximo! Estarão aqui como refugiados. Talvez será o ANC a vir atacar, mas não admitiremos que o ANC venha atacá-los se forem refugiados.

Que venham. Liquidaremos a guerra de uma vez por todas. Haverá verdadeira paz na zona. Não a falsa paz em que vivemos.

Um ataque contra Moçambique, uma invasão, não são uma simples agressão, são um acto de guerra.

Como começa a guerra? Começa com actos deste género. A primeira e a segunda Guerras Mundiais começaram com agressões e ocupações. Mas sempre o invasor saiu derrotado. A primeira guerra foi desencadeada a partir de Berlim, capital

da Alemanha imperial. Resultado: a Alemanha imperial perdeu as suas colónias. Perdeu a Namíbia, ou Sudoeste Africano. Perdeu o Togo, perdeu os Camarões, perdeu o Tanganika. Ficou sozinha lá com o seu império, lá na Europa e não cá em África. Império já sem colónias. É estranho.

Consequência da primeira guerra: nasceu a URSS, primeiro país socialista, produto da Primeira Guerra Mundial.

Hitler foi quem iniciou a Segunda Guerra Mundial a partir de Berlim, capital da Alemanha nazi. Resultado: a guerra terminou em Berlim. O nazismo caiu. Consequência: aumento do campo socialista. Surgiram duas Alemanhas. Ampliou-se o campo socialista (Roménia, Bulgária, Checoslováquia, Polónia, Hungria, Jugoslávia, Albânia e outros), nasceu a República Democrática Alemã.

Guerra, é guerra essa. É uma realidade. É amarga, mas é uma realidade que tem que ser dita.

Mas, não parou aí. A agressividade do imperialismo ainda continuou depois da Segunda Guerra Mundial. Esta agressividade produziu Cuba, primeiro estado socialista da América Latina, a 90 milhas dos Estados Unidos.

um Povo corajoso e temperado pela guerra. Sabemos suportar o sacrifício. Os racistas sul-africanos vivem no luxo, no conforto, na corrupção, gozam privilégios, não aceitam sacrifícios, querem que os outros combatam por eles. Recrutam mercenários, marginais, traidores, para morrerem por eles. Os renegados, os traidores, não têm motivação, não têm convicção, quando viramos as armas contra eles rendem-se. Quantos já morreram? quantos é que já capturámos? E agora pensam em pôr outros, mulatos e indianos a lutar. Esses discriminados, explorados e oprimidos da África do Sul não vão combater contra nós. Vão virar as armas contra os patrões. Cada indiano que eles treinam, cada mestiço que eles preparam, todo o seu ódio é contra os racistas e não é contra Moçambique, não é contra nenhum de nós. Por isso contamos com o povo da África do Sul.

Nunca um opressor conseguiu liquidar um Povo. O Povo saiu sempre vencedor. Organizemo-nos. Que todos tenhamos tarefas.

Estamos claros dos objectivos que defendemos. Defendemos a paz, a liberdade, a segurança. Que cada um se arme com pedras, com paus, com enxadas, com flechas, com zagaia, com picaretas, com setas e

do as conquistas da revolução, participando activamente na construção e consolidação do socialismo.

O nosso exército enraiza-se no Povo — a força principal, a força poderosa, a força invencível que é o Povo unido e organizado.

A organização e a mobilização do nosso Povo, tem sido a condição fundamental que permite às forças de Defesa e Segurança cumprir cabalmente a sua missão.

Estamos aqui para definir tarefas. Devemos imediatamente intensificar a organização das cidades em bairros comunitários e a divisão dos bairros em quarteirões.

Cada cidadão deve participar activamente nas tarefas da vigilância. Cada cidadão deve conhecer exactamente a quem comunicar qualquer indício de actividade inimiga. Cada cidadão válido deve participar na preparação de medidas de protecção. Os Grupos de Vigilância devem estabelecer um sistema que permita analisar todas as informações recebidas.

Em cada quarteirão, em cada prédio, deve ser estabelecido um sistema de controlo para que se saiba quem lá vive, quem lá entra e quem de lá sai. Nas cidades há muitos marginais. Eles constituem

traição é a vitória sobre o subdesenvolvimento. Para vencermos essa batalha temos que cumprir os planos, temos de ultrapassar as metas de produção, para que as nossas crianças nasçam e cresçam cada vez mais saudáveis e fortes. Temos de produzir para que a nossa vida seja cada vez mais feliz, para que cada vez mais possamos colher os frutos da liberdade conquistada e da construção do socialismo.

Esta é razão de ser da nossa luta, e quando o regime minoritário da África do Sul ataca a República Popular de Moçambique ele ataca a nossa decisão de vencer o subdesenvolvimento nesta década, a nossa escolha de vivermos planificados, a nossa opção de classe, a nossa opção socialista.

Os racistas sul-africanos atacam a realização do Plano Estatal Central, procuram minar a nossa determinação, procuram desviar-nos dos objectivos que traçamos. O regime minoritário de Pretória tem medo da nossa vitória sobre o subdesenvolvimento. Tem medo que o sucesso da década lhe mostre a superioridade do sistema socialista. O regime da África do Sul tem medo que a consolidação do nosso desenvolvimento acelere a dinâmica de libertação económica da África Austral,

presas, nas fábricas, nas machambas estatais, nas cooperativas, nas escolas, nos hospitais, nos transportes, nos portos, no abastecimento e no Aparelho de Estado. Temos que ultrapassar as metas de produção nas aldeias comunitárias, nos distritos, nas províncias e em todo o País.

Temos que alcançar nesta década a vitória sobre o subdesenvolvimento.

O heroísmo do nosso Povo fez da República Popular de Moçambique, um País admirado e respeitado na comunidade internacional. A nossa história é admirada e respeitada internacionalmente. O nosso Partido, o Partido FRELIMO, é admirado e respeitado internacionalmente. Por isso está conosco toda a humanidade. Só os criminosos, os fascistas, os fantoches, estão com o regime minoritário da África do Sul. A Revolução Moçambicana é património da humanidade e da libertação dos Povos. É esta a responsabilidade que sempre temos sabido assumir com coragem, com orgulho e com heroísmo. É esta a responsabilidade que temos sabido, em cada momento, honrar, dignificar e enriquecer.

Na sua casa, no seu bairro, no seu local de trabalho, em todos os momentos da sua vida e em todos os pontos do nosso País, cada moçambicano defende os valores mais altos da nossa Pátria. Ele defende a história do nosso passado, a memória dos nossos heróis, os sacrifícios já consentidos, a liberdade do nosso Povo, o direito ao bem-estar e à liberdade, a soberania da pátria, a independência nacional, o socialismo e o internacionalismo.

Moçambicanos, Moçambicanas

Nós dissemos que, ao longo da História, o agressor tem sido sempre derrotado. A libertação é uma força irreversível. Os povos querem a liberdade, querem a paz, querem o progresso. O Povo sul-africano triunfará da opressão e da humilhação. O regime minoritário, racista e agressor, colonialista, será derrotado pelo Povo sul-africano.

O «apartheid» desaparecerá. A Pátria Moçambicana, a Pátria dos antepassados que durante séculos resistiram ao colonialismo, a Pátria dos Heróis que travaram o combate libertador, a Pátria daqueles que se sacrificaram pela liberdade de outros, a Pátria dos nossos filhos, a Pátria dos nossos netos, essa Pátria será defendida por cada moçambicano e cada moçambicana.

A Pátria do nosso camarada Mondlane não pode ser ultrajada. A Pátria do nosso camarada Mondlane não pode ser ofendida, não pode aceitar a humilhação. Esta é a Pátria do Mondlane, ele morreu por esta liberdade. Rechacemos este avanço imperialista sul-africano, esta ousadia sul-africana.

No total somos 35 milhões. Doze milhões de moçambicanos e 23 milhões de sul-africanos. Somos 35 milhões. Não vamos ser vencidos por uma minoria: Os quatro milhões e meio, que dependem de elementos corruptos. Nós dependemos da força do Povo e da rejeição da impureza. Somos 35 milhões conscientes e determinados. Sabemos o que queremos, conhecemos quem é o nosso inimigo. É o «boer» que massacra, que mata, que discrimina, é esse o nosso inimigo.

Nós e os sul-africanos, lutaremos lado a lado, ombro a ombro, até à vitória final, até que caia o «apartheid». Não há uma guerra entre dois povos. A guerra que nós queremos impor é uma guerra entre de um lado, os povos moçambicano e sul-africano, e do outro lado um regime minoritário racista.

A guerra que nós queremos impor é uma guerra entre de um lado os amantes da paz e, do outro lado, uma clique de nazi-fascistas, que nem sequer representam todos os brancos. Por isso, pela justiça da nossa causa, pela solidariedade internacional, estamos certos da vitória. O Povo sul-africano estará instalado na Pretória e acabará com a discriminação. Por isso, dizemos com toda a força: A luta continua! A Revolução triunfará! Os «boers» serão vencidos! O «apartheid» cairá! O Povo sul-africano vencerá! A Humanidade vencerá! Obrigado a todos, moçambicanos.

Qualquer bomba que cair na nossa terra é guerra, e não agressão. Qualquer mina que rebentar no nosso território é guerra, não é subversão, não confundamos! A luta continua! Estejamos prontos para guerra,



As dezenas de milhares de pessoas que participaram no comício manifestaram a sua determinação em esmagar qualquer agressão inimiga

Nos anos 50, o imperialismo agrediu a Coreia, a Coreia socialista, e agora o país está dividido. Mas é uma divisão temporária. O Povo coreano é um só. Vai fazer triunfar a união. A guerra do Vietname começou com a agressão pelo regime antipopular de Saigão. Apesar do apoio maciço do imperialismo norte-americano, a guerra terminou em Saigão. Resultado: o regime antipopular caiu. Consequência: aumento do campo socialista. Nasceu o Vietname unificado, o Laos, o Kampuchea. Aqui mesmo no nosso continente, o louco Idi Amin começou a agressão à Tanzânia a partir de Kampala. Resultado: a guerra acabou em Kampala. Consequência: acabou com Idi Amin. Ian Smith começou a agressão a partir de Salisbúria. Resultado: a guerra terminou em sua casa. Consequência: Ian Smith foi lançado no caixote do lixo da história.

Quando alguém vai com lata de petróleo pegar o fogo à casa do vizinho deixa sempre rasto. Este rasto é o rastilho que trará fogo à sua própria casa. Quando a cobra abandona o seu buraco por mais venenosa que seja, forte, temida — fica vulnerável. Até a criança a pode matar à paulada, não necessita da arma.

Quando alguém vai com lata de petróleo pegar o fogo à casa do vizinho deixa sempre rasto. Este rasto é o rastilho que trará fogo à sua própria casa. Quando a cobra abandona o seu buraco por mais venenosa que seja, forte, temida — fica vulnerável. Até a criança a pode matar à paulada, não necessita da arma.

Quando alguém vai com lata de petróleo pegar o fogo à casa do vizinho deixa sempre rasto. Este rasto é o rastilho que trará fogo à sua própria casa. Quando a cobra abandona o seu buraco por mais venenosa que seja, forte, temida — fica vulnerável. Até a criança a pode matar à paulada, não necessita da arma.

Quando alguém vai com lata de petróleo pegar o fogo à casa do vizinho deixa sempre rasto. Este rasto é o rastilho que trará fogo à sua própria casa. Quando a cobra abandona o seu buraco por mais venenosa que seja, forte, temida — fica vulnerável. Até a criança a pode matar à paulada, não necessita da arma.

Viva a luta de libertação nacional! Viva a força invencível do Povo!

É certo que a guerra acabará em Pretória, porque a maioria tomará o poder em Pretória. Nós somos

zagaia envenenada. A picareta é para cabeça do «boer». A flecha e a zagaia são para o estômago do «boer», a pedra para o olho do «boer». O exército terá a sua tarefa.

Cada «boer» terá em Moçambique dois ou três inimigos. Três se juntem para um «boer». Afimemos as lâminas da enxada e da picareta para furar bem a cabeça dos «boers». Preparemo-nos, com todo o tipo de armas, para que nem um agressor saia vivo do nosso País.

O Povo moçambicano é um Povo heróico — já o provou durante a luta contra o colonialismo. Provou-o durante o 7 de Setembro e o 21 de Outubro. Provou-o durante a guerra de libertação do Zimbábue. O Povo moçambicano não se deixa dominar, odeia a dominação, combate a dominação. Ai daqueles que vierem violar o nosso País. Serão destruídos sem piedade, serão esmagados um por um. Que venham, e não sobrá nem um.

O ataque do regime minoritário da África do Sul é um acto de guerra contra a RPM. É dever sagrado de todo o cidadão moçambicano garantir a inviolabilidade do território, defender a RPM, defender a Pátria dos heróis moçambicanos.

As Forças Armadas de Moçambique — FPLM, braço armado do Povo, que derrotaram o exército colonial português no campo de batalha, forças que rechacaram as agressões do exército de Smith, continuarão a honrar essas gloriosas tradições, defendendo intransigentemente a soberania nacional, garantindo a integridade territorial, consolidando

um terreno fértil para o recrutamento do inimigo. É preciso intensificar a vigilância sobre os marginais.

São tarefas de execução imediata nos locais de trabalho. Cada um deve saber analisar e conhecer a forma como age o inimigo. A cada um deve ser distribuída uma tarefa concreta. Cada um deve saber o que fazer em casos de ataque ou em qualquer outra acção inimiga.

O inimigo atacou-nos no dia 30. O inimigo pode voltar a atacar-nos. Com um pelotão, com uma companhia, com um batalhão, com uma brigada, e em qualquer parte do nosso território. O inimigo pode atacar-nos por terra, por mar e pelo ar. Devemos estar preparados para receber o inimigo, rechacá-lo e não lhe permitir que transira a guerra para o nosso território. A guerra está na África do Sul, é entre a maioria e a minoria.

Por isso devemos estar muito vigilantes. Vigilância significa prontidão combativa das nossas forças de defesa e segurança, prontidão do nosso Povo em todo o território moçambicano no combate às ideias do inimigo, o combate aos boateiros, o combate aos agitadores, o combate aos sabotadores. A vigilância popular, a preparação combativa do Povo, a tomada de medidas de protecção, devem ser particularmente intensificadas nas zonas de fronteira, e em especial nas zonas em que se verifica a concentração das forças do inimigo.

Definimos no primeiro ano da década que a batalha principal é a batalha económica e a tarefa cen-

seja um estímulo para a libertação total dos povos da região.

Cumprir o plano é uma derrota para as forças do colonialismo, do racismo, do «apartheid», da exploração, do imperialismo.

Quando o regime minoritário da África do Sul ataca a República Popular de Moçambique, ele ataca a Ofensiva Política e Organizacional iniciada há um ano. Porque a Ofensiva é a purificação das nossas fileiras, a detecção dos infiltrados, a neutralização progressiva dos seus agentes no nosso seio. Porque a Ofensiva é a libertação das mentalidades, é movimento de libertação cultural. Porque a Ofensiva é a criação de condições para reduzirmos a nossa dependência económica do imperialismo e da África do Sul.

Quando o regime minoritário sul-africano nos ataca, ele ataca o projecto de cooperação e libertação dos nove países da África Austral. Ele ataca a sede da Comissão Regional dos Transportes e Comunicações.

Mas quando o regime minoritário nos ataca ele leva-nos a aumentar a nossa organização, a aumentarmos a nossa vigilância, a aumentarmos o nosso engajamento e determinação, a valorizar as nossas capacidades, a revelar os novos heróis na frente de combate, na frente de produção, na frente de desenvolvimento.

O acto de guerra do regime minoritário vai-nos fazer crescer. Para vencer os racistas sul-africanos temos que cumprir os planos nas em-